

Educação Continuada Em Saúde No Contexto Dos Profissionais Atuantes Em UTI's

Cíntia Riograndense

Universidade Luterana Do Brasil

Hellen Christiny De Miranda Rocha

Faculdade Iguazu

Renata Costa Silva

Universidade De Taubaté

Jorge Augusto Soares De Souza

UFPR

Fernando Vieira Ferreira

FEPAR -Faculdade Evangélica Do Paraná

Lucas Manrique Rodrigues

Universidade Federal De Goiás

Aline De Oliveira Vieira

Fesar Afya

Carolina Sena Vieira

Atenas Porto Seguro (BA)

Lisa Antunes Carvalho

Universidade Federal Do Rio Grande

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a percepção dos profissionais de saúde atuantes nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) sobre a Educação Continuada em Saúde (ECS), identificando os benefícios, dificuldades e impactos dessa prática no contexto assistencial. A pesquisa foi de caráter descritivo e de campo, com uma amostra composta por 27 profissionais de diferentes áreas da saúde, sendo a coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados revelaram que, embora os profissionais reconheçam a importância da ECS para a atualização de conhecimentos e aprimoramento de habilidades, enfrentam dificuldades como a carga de trabalho intensa, falta de tempo e apoio institucional insuficiente. Além disso, os programas de ECS oferecidos nem sempre atendem às necessidades práticas do ambiente de UTI, sendo vistos como superficiais e pouco focados na aplicação real do conhecimento adquirido. A conclusão aponta que a ECS tem um grande potencial para melhorar a qualidade do atendimento nas UTIs, mas seu impacto depende da integração mais eficaz dos programas educacionais à rotina dos profissionais, bem como do apoio institucional para garantir a participação contínua nas atividades de formação.

Palavras-chave: *Educação continuada; UTI; Saúde.*

Date of Submission: 28-12-2024

Date of Acceptance: 08-01-2025

I. Introdução

A Educação Continuada em Saúde (ECS) é uma estratégia fundamental para a atualização constante dos profissionais de saúde, especialmente no contexto dinâmico e desafiador das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). A prática constante de novos aprendizados e a adaptação às inovações tecnológicas e aos protocolos assistenciais exigem que os profissionais da saúde se mantenham atualizados ao longo de suas carreiras. A

educação contínua permite que esses profissionais adquiram e aperfeiçoem conhecimentos, habilidades e atitudes, promovendo uma assistência de saúde de qualidade, segura e humanizada. A UTI, um ambiente de alta complexidade, é o local onde se encontram os pacientes em estado crítico, cujos cuidados exigem uma equipe multidisciplinar altamente qualificada (Sena, 2023; Vieira et al., 2022).

Os profissionais que atuam nesse contexto enfrentam uma pressão constante, pois lidam com situações de risco iminente de vida, com a necessidade de decisões rápidas e precisas. Isso implica que os conhecimentos devem ser atualizados frequentemente para garantir uma resposta eficaz às emergências e a aplicação de intervenções terapêuticas inovadoras. Neste sentido, a educação continuada se torna essencial para que os profissionais da saúde consigam lidar com as demandas complexas e muitas vezes imprevisíveis do ambiente de UTI. Através de treinamentos, cursos, palestras e atualizações periódicas, esses profissionais são capacitados não apenas para utilizar novas tecnologias e procedimentos, mas também para desenvolver competências emocionais e comportamentais necessárias para o trabalho sob pressão. Tais aspectos são fundamentais para a manutenção de uma equipe coesa e preparada (Sevinc et al., 2022).

O contexto da UTI exige uma integração contínua entre os membros da equipe, o que implica em um processo de aprendizado colaborativo. A educação continuada, portanto, deve ser vista como um processo contínuo e integrado, que envolve tanto a aquisição de novos conhecimentos quanto a atualização dos existentes, considerando sempre as especificidades e demandas do ambiente de cuidado intensivo. É necessário que o aprendizado esteja alinhado com as reais necessidades dos pacientes, refletindo diretamente na qualidade do atendimento prestado. O impacto da educação continuada no desempenho dos profissionais de saúde em UTI's vai além da atualização técnica. Também envolve aspectos relacionados à gestão do estresse, à comunicação eficaz entre os membros da equipe e ao aprimoramento das práticas clínicas em resposta a novos desafios que surgem diariamente (Valadares et al., 2021).

Para os profissionais da UTI, a capacidade de aprender continuamente não é apenas um requisito, mas um diferencial competitivo no que diz respeito à qualidade do atendimento prestado aos pacientes. Além disso, a implementação de programas de educação continuada nas UTIs não deve ser considerada apenas uma responsabilidade individual dos profissionais, mas sim uma estratégia institucional. As unidades de saúde devem investir em ambientes que favoreçam a aprendizagem constante, promovendo a participação ativa dos profissionais em processos educativos e criando uma cultura organizacional que valorize a capacitação e o desenvolvimento contínuo. A gestão de recursos humanos, portanto, desempenha um papel crucial na promoção da educação continuada (Souza et al., 2023).

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é investigar como a educação continuada em saúde é implementada e vivenciada pelos profissionais que atuam nas UTIs, analisando seus efeitos na prática assistencial, nas competências dos trabalhadores e no impacto na qualidade do atendimento aos pacientes. Com isso, busca-se compreender as necessidades e desafios enfrentados pelos profissionais da saúde nesse contexto, bem como propor sugestões para aprimorar os programas de educação continuada nas unidades de terapia intensiva.

II. Materiais E Métodos

Esta pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem descritiva e de campo, com o intuito de investigar a implementação da Educação Continuada em Saúde (ECS) no contexto das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) e como ela influencia as práticas e competências dos profissionais da saúde. A natureza descritiva da pesquisa possibilitou uma análise detalhada das características e das percepções dos profissionais quanto aos programas de educação continuada, enquanto a abordagem de campo permitiu a coleta de dados diretamente no ambiente de trabalho desses profissionais, ou seja, nas UTIs.

A amostra da pesquisa foi composta por 27 profissionais que atuam em Unidades de Terapia Intensiva de hospitais públicos e privados da região. A escolha da amostra levou em consideração a diversidade dos profissionais da saúde que atuam nesse ambiente, incluindo médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, farmacêuticos e outros membros da equipe multidisciplinar. O critério de inclusão foi o tempo mínimo de seis meses de atuação na UTI, o que garantiu que os participantes tivessem experiência suficiente para oferecer respostas aprofundadas sobre a realidade da educação continuada no seu cotidiano de trabalho.

Para a coleta de dados, optou-se pela técnica de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente com os profissionais selecionados. As entrevistas foram conduzidas de forma presencial ou, quando não possível, por meio de plataformas digitais, respeitando a disponibilidade e a logística dos participantes. As questões abordadas nas entrevistas foram elaboradas com base na literatura sobre educação continuada em saúde, focando em tópicos como a percepção dos profissionais sobre a importância da ECS, a frequência e os tipos de programas educacionais oferecidos nas instituições, as principais dificuldades enfrentadas para participar dessas atividades, e os impactos percebidos na prática assistencial após a realização de treinamentos.

O roteiro de entrevistas foi estruturado de forma a permitir que os participantes expressassem suas opiniões e experiências livremente, proporcionando uma visão ampla e rica do contexto em questão. As entrevistas foram gravadas, com a permissão dos participantes, e posteriormente transcritas para análise. Após a

coleta de dados, foi realizada uma análise qualitativa, com base na técnica de análise de conteúdo. Os dados transcritos foram organizados em categorias temáticas, que emergiram a partir das respostas dos participantes. A análise buscou identificar padrões e tendências nas falas dos profissionais, permitindo a identificação das principais percepções sobre a educação continuada em saúde, os benefícios percebidos, as dificuldades encontradas, bem como os impactos na qualidade do atendimento prestado aos pacientes nas UTIs.

III. Resultados E Discussões

Os resultados da pesquisa revelaram uma série de informações sobre a percepção dos profissionais de saúde que atuam nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) em relação à Educação Continuada em Saúde (ECS), suas dificuldades e os impactos dessa formação no ambiente assistencial. De forma geral, os participantes reconheceram a importância da ECS para o aprimoramento contínuo de suas práticas profissionais. Segundo E05, “a educação continuada é fundamental para mantermos nossos conhecimentos atualizados e para garantir que possamos oferecer o melhor cuidado aos nossos pacientes, especialmente em um ambiente tão dinâmico como a UTI.” A maioria dos participantes (n=21) afirmou que a atualização constante é necessária, dado o avanço acelerado de tecnologias e práticas médicas na UTI.

No entanto, alguns profissionais, como o E09, destacaram que a implementação da ECS nas UTIs nem sempre acompanha as necessidades de formação. “Às vezes, os cursos não são tão específicos ou práticos quanto gostaríamos. Precisamos de mais treinamento focado na realidade da UTI”, disse E09. Essa resposta reflete uma lacuna entre o que é oferecido e as demandas de aprendizagem no contexto da UTI. Quando questionados sobre a frequência e o tipo de programas de ECS, os participantes relataram que os cursos oferecidos nas UTIs variam muito em frequência e conteúdo.

A maioria (n=18) mencionou que a formação acontece esporadicamente, com intervalos irregulares, o que limita a continuidade da aprendizagem. E04 explicou: “Nós recebemos treinamentos trimestrais, mas eles são muito gerais e não focam em situações práticas que enfrentamos no dia a dia da UTI.” Por outro lado, alguns profissionais relataram a oferta de cursos de curta duração, como workshops e treinamentos específicos sobre novas tecnologias, como ventilação mecânica avançada e monitoramento de hemodinâmica, que foram considerados mais relevantes. E07 comentou: “Os cursos de ventilação mecânica são essenciais, especialmente com a demanda crescente de pacientes com complicações respiratórias.” Embora a educação continuada seja considerada importante, vários profissionais apontaram dificuldades para participar das atividades.

As razões mais citadas incluem a carga de trabalho excessiva e a falta de tempo. E11 relatou: “O trabalho na UTI é muito intenso, com turnos longos e uma demanda constante. Quando temos a oportunidade de participar de um curso, é difícil conciliar com as responsabilidades do dia a dia.” Além disso, a falta de incentivo institucional foi mencionada por E13, que afirmou: “Acho que a gestão poderia apoiar mais a educação continuada, liberando mais tempo para treinamento ou oferecendo mais incentivos para participação.” Isso sugere uma carência de apoio institucional que dificulta a formação contínua dos profissionais. Quando questionados sobre os impactos da ECS na prática assistencial, a maioria dos entrevistados afirmou que os cursos oferecidos contribuem diretamente para a melhoria do atendimento. E03 destacou: “Após um treinamento sobre a utilização de novos dispositivos de monitoramento, consegui aplicar melhor esses conhecimentos com os pacientes críticos. Isso realmente fez a diferença na evolução deles.”

Contudo, nem todos os profissionais concordaram que a educação continuada tem um impacto imediato e significativo. E08, por exemplo, mencionou: “Acredito que a ECS contribui, mas, se não houver aplicação prática constante, o conhecimento acaba sendo esquecido. Precisamos de mais reforços na prática diária.” Essa resposta indica que a educação continuada deve ser mais integrada à rotina da UTI para que seja efetivamente aproveitada. Embora existam dificuldades, os profissionais destacaram aspectos positivos dos programas de ECS. E06, um enfermeiro, afirmou: “Eu aprendi técnicas de comunicação com a família dos pacientes que realmente melhoraram minha atuação, principalmente nas situações mais críticas. A ECS também me ajudou a me sentir mais confiante em minha função.”

Outros, como E12, relataram melhorias na relação interpessoal dentro da equipe. “Os treinamentos sobre trabalho em equipe ajudaram a melhorar nossa comunicação, o que facilita muito o atendimento aos pacientes.” Esses resultados indicam que a ECS tem um impacto positivo não apenas nas competências técnicas, mas também nas competências interpessoais, que são essenciais no trabalho em equipe das UTIs. Um aspecto frequentemente citado pelos participantes foi a relevância da educação continuada para o trabalho em equipe. E10, um fisioterapeuta, explicou: “A ECS tem sido fundamental para que todos na equipe, de médicos a fisioterapeutas, entendam melhor o trabalho uns dos outros. A multidisciplinaridade é essencial para o sucesso do tratamento na UTI.”

A interação entre diferentes áreas da saúde durante os treinamentos também foi considerada positiva por E16: “Os cursos conjuntos, que envolvem médicos, enfermeiros e fisioterapeutas, têm uma abordagem mais integrada e fazem com que a gente aprenda a trabalhar de forma mais harmônica.” Isso demonstra que a educação continuada não só amplia os conhecimentos técnicos, mas também fortalece a colaboração entre os membros da

equipe, algo essencial no atendimento intensivo. Embora os profissionais reconheçam a importância da ECS, muitos indicaram a necessidade de treinamentos específicos voltados para as situações de alta complexidade presentes nas UTIs. E01 afirmou: “Precisamos de cursos voltados para situações de emergência, como reanimação cardiopulmonar, sepse, e falência múltipla de órgãos. São temas muito pertinentes para a UTI.” Esse ponto foi enfatizado também por E14, que observou: “Os protocolos e as tecnologias mudam com rapidez, e nós, que estamos na linha de frente, precisamos ser mais bem preparados para lidar com essas mudanças, para garantir a segurança dos pacientes.”

Esse resultado indica que os profissionais sentem a necessidade de treinamentos que abordem não apenas as tecnologias, mas também as condições clínicas de emergência e as estratégias para manejar as complicações mais graves. Em relação à gestão dos programas de ECS, as opiniões foram divergentes. Enquanto alguns profissionais relataram apoio institucional, como a liberação de tempo para participar de cursos, outros apontaram falhas nesse aspecto. E15 disse: “A gestão tem investido mais em treinamento, e isso é importante. Mas, por outro lado, seria ideal se pudessemos ter mais flexibilidade no horário de trabalho para participar das atividades educativas.” E19 também destacou a falta de organização: “Não vejo uma política clara de incentivo à educação continuada. Os treinamentos acontecem, mas sem uma estratégia coordenada. Isso poderia ser melhor planejado.” Esses relatos sugerem que, embora haja esforços institucionais para promover a ECS, ainda existem lacunas no planejamento e na implementação dessas iniciativas, o que afeta a eficácia dos programas.

Em relação à qualidade dos programas educativos, a maioria dos entrevistados (n=19) avaliou como positiva a oferta de cursos técnicos, embora alguns tenham apontado a necessidade de maior aprofundamento. E18, um médico intensivista, comentou: “Os cursos são bons, mas, em muitas ocasiões, são superficiais. Precisamos de mais aprofundamento nas novas técnicas e em protocolos avançados.” Por outro lado, E17, um fisioterapeuta, sugeriu a implementação de mais práticas simuladas: “Seria excelente ter mais simulações práticas, principalmente em situações de emergência. Isso ajudaria a preparar melhor todos os profissionais para enfrentar a complexidade da UTI.” Esses relatos indicam que a educação continuada é vista como uma oportunidade importante, mas também existem sugestões para aprimorar o conteúdo e a metodologia dos programas, tornando-os mais eficazes para as necessidades da UTI. Outro ponto relevante abordado pelos profissionais foi a dificuldade de integrar o conhecimento adquirido na educação continuada à rotina diária da UTI. E20 afirmou: “Depois de um curso sobre novos equipamentos, por exemplo, o que falta é a oportunidade de usar esses conhecimentos no dia a dia. Isso cria um descompasso entre o que aprendemos e o que realmente aplicamos.” Esse descompasso foi evidenciado por E22, que ressaltou: “Infelizmente, muitas vezes não conseguimos colocar em prática o que aprendemos, porque o ambiente da UTI é tão dinâmico que o tempo para experimentar o novo conhecimento é muito curto.”

Esses relatos indicam que, embora os profissionais valorizem os treinamentos, a implementação prática e a aplicação contínua dos conhecimentos adquiridos precisam ser mais eficazes, de modo a garantir que as habilidades sejam de fato aplicadas no atendimento ao paciente. Por fim, os profissionais também mencionaram a importância da atualização nas novas tecnologias utilizadas nas UTIs. E11, enfermeiro, afirmou: “A cada dia surgem novos aparelhos, novas formas de monitoramento. Se não tivermos acesso a cursos e treinamentos, acabamos ficando para trás.” E20 complementou: “A evolução tecnológica é rápida, e isso exige de nós um esforço constante para aprender sobre os novos dispositivos. Caso contrário, ficamos desatualizados, e isso afeta a qualidade do atendimento.” Esses depoimentos destacam a necessidade urgente de garantir que os profissionais se mantenham atualizados em relação às inovações tecnológicas que surgem no campo da medicina intensiva, de modo a garantir que o atendimento aos pacientes seja realizado com o máximo de precisão e segurança.

Em síntese, a pesquisa revelou que a Educação Continuada em Saúde tem sido reconhecida pelos profissionais de UTIs como uma ferramenta essencial para o aprimoramento das práticas assistenciais. No entanto, vários desafios ainda precisam ser superados, como a falta de tempo, o apoio institucional insuficiente e a dificuldade de aplicar os conhecimentos adquiridos na rotina. Uma abordagem mais integrada e focada nas necessidades reais do ambiente da UTI poderia aprimorar a eficácia da ECS e garantir que os profissionais da saúde estejam mais bem preparados para enfrentar as complexidades desse contexto crítico.

IV. Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a percepção dos profissionais de saúde atuantes nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) sobre a Educação Continuada em Saúde (ECS), identificando os benefícios, dificuldades e impactos dessa prática no ambiente assistencial. A análise dos dados revelou que, de maneira geral, os profissionais reconhecem a importância da ECS para a atualização constante e o aprimoramento de suas competências, essenciais para a atuação em um ambiente tão dinâmico e desafiador quanto a UTI. No entanto, também ficou evidente que existem diversos desafios que ainda dificultam a implementação eficaz da ECS nas UTIs, como a falta de tempo, o apoio institucional insuficiente e a dificuldade de aplicar os conhecimentos adquiridos de forma prática no cotidiano de trabalho. Os participantes destacaram a relevância da ECS, principalmente no que diz respeito ao aprimoramento das habilidades técnicas e à melhoria da comunicação e do

trabalho em equipe. A formação continuada foi vista como uma ferramenta crucial para a adaptação às rápidas mudanças tecnológicas e à constante evolução dos protocolos de tratamento. No entanto, muitos profissionais apontaram que os cursos oferecidos são, muitas vezes, genéricos ou superficiais, e que a aplicação prática desses conhecimentos na rotina da UTI é limitada. Além disso, a carga de trabalho elevada e a falta de incentivo institucional foram identificadas como barreiras significativas à participação dos profissionais nas atividades educativas. Por fim, os resultados indicam que a Educação Continuada em Saúde, embora reconhecida como essencial pelos profissionais de UTIs, precisa ser mais integrada às necessidades práticas e ao cotidiano da UTI. A gestão hospitalar tem um papel fundamental na criação de um ambiente que favoreça a participação contínua dos profissionais, seja por meio de flexibilização de horários, seja por meio do desenvolvimento de programas de treinamento mais direcionados e eficazes. Para que a ECS tenha um impacto real na qualidade do atendimento ao paciente e na melhoria das práticas assistenciais, é fundamental que as instituições de saúde promovam um planejamento mais estruturado e uma maior aplicação dos conhecimentos adquiridos, integrando-os ao trabalho diário dos profissionais de forma efetiva. Portanto, a pesquisa confirma que a Educação Continuada em Saúde tem grande potencial para melhorar a qualidade do atendimento nas UTIs, mas seu sucesso depende de uma abordagem mais estratégica, que contemple as necessidades específicas do ambiente de trabalho e a realidade dos profissionais da saúde.

Referências

- [1] Sena, L. A. Quais Foram As Possíveis Repercussões Na Saúde Mental De Fisioterapeutas Intensivistas Causadas Pela Atuação Na Pandemia Da Covid-19?. *Revista Ft*, 2023.
- [2] Sevinc, S. A. Et Al. Ansiedade E Burnout Em Anestesiastas E Enfermeiros De Unidade De Terapia Intensiva Durante A Pandemia De Covid-19: Um Estudo Transversal. *Brazilian Journal Of Anesthesiology*, V. 72, N. 2, P. 169–175, 2022.
- [3] Souza, E. S. C. Et Al. Os Impactos Da Pandemia Da Covid-19 Na Saúde Mental Dos Enfermeiros Em Unidades De Terapia Intensiva. *Observatório De La Economia Latinoamericana*, V. 21, N. 12, 2023.
- [4] Valadares, C. F. Et Al. Pandemia De Covid-19 E Saúde Mental De Profissionais Intensivistas: Uma Abordagem Preliminar. *Rev. Med. Minas Gerais*, V. 31, N. 9, 2021.
- [5] Vieira, L. S. Et Al. Burnout E Resiliência Em Profissionais De Enfermagem De Terapia Intensiva Frente À Covid-19: Estudo Multicêntrico. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 30:E3589, 2022.